

CARLOS GOMES E O VISCONDE DE TAUNAY

Affonso de E. Taunay

Muito queria meu Pai, o Visconde de Taunay, a Carlos Gomes. Admirava-lhe o estro e tinha-o à conta de organização artística absolutamente extraordinária. E procurou, sempre que pôde, servi-lo e à sua glória, com todas as veras da amizade desinteressada e impaciente de valer.

Arrolara-se desde os primeiros dias entre os seus mais dedicados amigos e sua afeição, tão forte quanto constante, durou de 1873 até os derradeiros momentos do compositor, em 1896.

Poderosa afinidade ligava aqueles dois espíritos, sempre voltados para o Belo; outra causa, porém, concorria para reforçar essa coesão de sentimentos: a grande admiração que ambos votavam a André Rebouças, cuja admiração pelo compositor quase atingia a intensidade do fanatismo.

Esta liga do artista, do escritor e do cientista, assente em bases da mais elevada esfera moral e espiritual, afinou-se com as atribulações que a todos os três trouxeram os últimos anos de existência: o exílio voluntário de Rebouças e o retraimento de Taunay, após o 15 de novembro, e o olvido e afinal a atroz e longa moléstia que vitimou o autor do **Guarani**.

Sabem todos quanto foi penosa a vida do grande músico, sempre a braços com as maiores dificuldades financeiras para se manter e à família, na Itália, vendo-se forçado a trabalhar como um galé, a compor às pressas para obter os minguados recursos, graças aos quais levava a mais parca das existências.

O ódio implacável que os nulos e os mediócrs votam e votam sempre às manifestações da capacidade criadora, a sórdida paixão dos impotentes que se sentem amesquinados pelas manifestações do gênio, perseguiram-no constantemente: "Por que não compõe no Brasil?", increpavam-lhe inúmeros espíritos mesquinhos. "É boa!, explicavam; é porque explora um pobre diabo de maestro italiano, vencido da vida, que lhe vende a inspiração mediante miseráveis centenas de francos; aí está porque lhe é impossível compor no Brasil". "Quando vem à Pátria só tem em vista arranjar dinheiro; nenhuma melodia, por mais simples que seja, lhe sai da pena fora da Itália", argüiam-lhe os mais benévolos destes pseudo-nativistas.

E tal o volume dos clamores e calúnias que a torpíssima campanha conseguia impressionar desfavoravelmente pessoas bem intenciona-

das e até esclarecidas. Havia como que um labéu na carreira do compositor: inconfessável desprezo pela pátria, a ponto de lhe estancar a veia inspiradora a simples permanência no território brasileiro. Como resposta a este crime de lesa-patriotismo deviam os verdadeiros patriotas abandoná-lo.

Em 1873 conseguiu Taunay, após real relutância, que o parlamento imperial lhe votasse uma pensão de 500\$ 000 mensais, mil e poucas libras, mau grado veementes protestos de vários colegas seus, entre outros os de certo deputado que se indignava “com esse presente de dinheiros da Nação a um rabequista compositor de operetas”.

E no entanto, já nesta época alcançara **O Guarani** verdadeira apoteose tanto no Rio de Janeiro como nas principais cidades brasileiras, dando depois o giro dos grandes teatros italianos com imenso e geral êxito.

De 1873 a 1879 viveu Carlos Gomes um tanto folgado, podendo trabalhar descansadamente. A este período se devem **Fosca**, **Salvador Rosa**, **Maria Tudor** e os primeiros esboços de **O Escravo**.

Em 1880 cortaram-lhe a pensão justamente quando, após alguns anos de desafogo, assumira grandes responsabilidades financeiras, superiores aos recursos de que podia dispor, com a construção de uma casa de campo para vilegiatura, a **Vila Gomes**, à margem do lago de Lecco.

Raros, raríssimos têm sido os homens de gênio que souberam fazer dinheiro com as produções de seu engenho. Não faltou Carlos Gomes à regra quase geral, desprendido como era, em alto grau. Vendeu aos editores de **O Guarani** os direitos de propriedade sobre a ópera por dois ou três mil francos, e no entanto a eles renderam quantia superior a quinhentos mil, segundo é voz corrente.

A cessação da pensão e os grandes encargos da **Vila Gomes** puseram-no na mais aflitiva das situações que, prolongando-se durante longa série de anos, o torturou de modo abominável. Viveu dia a dia auxiliado pelos amigos do Brasil que procuravam socorrê-lo, mandando-lhe, de vez em quando, alguns recursos e promovendo concertos e benefícios com algumas de suas óperas.

Exultavam os gratuitos detratores e inimigos do grande músico, muito embora as enchentes que apinhavam os teatros sempre que **O Guarani**, a **Fosca** e o **Salvador Rosa** eram levados à cena lhes causassem fundas decepções e violentas explosões de cólera e inveja impotente. “Era o compositor um boêmio, um jogador”, berravam furibundos, “brasileiro renegado, pois se naturalizara italiano, etc., etc.”.

Na primeira plaina dos grandes e incansáveis defensores do maestro figuravam André Rebouças, Alfredo d’Escragnolle Taunay e Francisco Castelões, o “meu Chico”, como lhe chamava Gomes. Nessas três amizades robustas apoiou-se constantemente, nelas achou poderosos recur-

sos com que conseguiu atenuar um pouco os terríveis golpes da prolongada adversidade. Viu-se na contingência de hipotecar a **Vila Gomes** e teve depois o desgosto de a passar a outras mãos. Pouco se foram minguando os parcos recursos de que dispunha, até que chegou a conhecer as agruras de situação pouco distante da miséria.

Neste interim, defendia com todas as forças do desespero os originais de **O Escravo** contra a cobiça de editores que, vendo-o reduzido à última extremidade, farejavam a exploração da formosa partitura, comprada a troco de barato, novo negócio de ouro como o do **Guarani**.

Em 1888 era-lhe tão angustioso do estado d'alma que, nos arroubos de sua prodigiosa imaginação, exacerbada pela crueldade com que o perseguia a sorte, confiava ao amigo que entrevia na morte o único lenitivo aos insuportáveis males. "Vale mais o dinheiro que a glória", declarava, fora de si, o mísero homem de gênio.

A este apelo desesperado corresponderam os amigos fiéis, pondo-se a campo com tal dedicação que, graças à grande subscrição nacional por eles lançada e o apoio munificente do Imperador e da Princesa Imperial, pôde **O Escravo** subir à cena no Rio de Janeiro em meados de 1889.

Nos últimos sete anos que lhe restavam passar na terra continuou o Maestro a sofrer novos e rudes embates. Deram-lhe o **Côndor** e o **Colombo** profundas desilusões e desgostos, o segundo sobretudo, acolhido hostilmente pelas platéias e pela crítica.

A generosidade com que o Pará avocou o pagamento de parte da grande dívida nacional para com o tão abandonado artista de gênio, suavizou os últimos meses do autor do **Guarani**. Morreu, como todos sabem, cercado das mais respeitosas e compungidas provas de admiração e de afeto.

Estes dias de agonia Rebouças e Taunay os acompanharam cheios de dor. A 11 de julho de 1896 anotava o segundo em seu **Diário Íntimo**: "Aniversário do malsinado Antônio Carlos Gomes (60). Está a morrer no Pará..."

E como então se discutisse o caso da efeméride natalícia do compositor, questiúncula irritante e pueril, publicou no "Comércio de São Paulo" o artiguete seguinte, sob a epígrafe **11 de julho**:

"Completo ontem 60 anos o nosso glorioso e infeliz compatriota maestro Antônio Carlos Gomes, nascido como foi a 11 de julho de 1836, na cidade de Campinas.

Durante não pouco tempo, laborou-se em equívoco, por confusão, com um irmão falecido criança e que viera à luz a 11 de julho de 1839. Estando com o eminente dr. André Rebouças o ano passado no Funchal (ilha da Madeira) o próprio Carlos Gomes retificou aquelas datas.

Tão próximo da morte, como infelizmente está hoje, e já pertencendo mais à história do que aos vivos, é de toda a conveniência assentar o ponto de partida — 11 de julho de 1836 — dessa existência que tanto honrou o Brasil, com efeito, o maior gênio por ele até agora produzido.

É mais que tempo que uma bela placa comemorativa relembre em Campinas a casa em que nasceu Carlos Gomes.*

Com o maior aperto de coração, não podemos senão enviar tristíssimas saudações ao grande brasileiro, cujo nome a glória, nas suas irradiações de alegria e de triunfo, levou a todos os pontos do mundo”.

A 26 de julho inscrevia no **Diário Íntimo**: “A propósito do pobre Carlos Gomes um telegrama de ontem (25) o dá melhor. Bem pior para ele ! sustentar-se aquele pobre organismo minado pelas conseqüências do neoplasma maligno”.

Algumas páginas adiante, lêem-se as seguintes linhas (16 de setembro de 1896): “Faleceu ontem em Belém (Pará) o infeliz e genial Antônio Carlos Gomes. Embora esperada há muito por causa do horrível e impiedoso cancro da língua, causou, a todos, essa morte, grande impressão. Tinha o pobre sessenta anos, nascido a 11 de julho de 1836. Não pude deixar de derramar lágrimas”.

No momento em que toda a Nação rememora orgulhosa o centenário natalício de uma das maiores glórias brasileiras e americanas é-me sobremodo grato, à piedade filial, recordar quanto Alfredo d’Escragnolle Taunay procurou sempre servir a esse amigo a quem tanto queria e a quem tanto admirava. E quanto celebrou a sua glória imarcessível...

(**Revista Brasileira de Música**, número especial comemorativo do centenário de Carlos Gomes, pp. 160-163. Rio de Janeiro, 1936).

(*) A placa reclamada pelo Visconde de Taunay veio a ser colocada em 1905, por iniciativa do Centro de Ciências, Letras e Artes, não propriamente na casa em que nasceu o compositor, pois esta já havia sido demolida, mas que se construiu em seu lugar, à rua Regente Feijó, 1251. Esta casa também já não existe; em seu lugar ergue-se um grande edifício de escritórios ou apartamentos, mas para ele a placa foi transferida.